

## Parque da Colina de Carvão (Pequim)

O menino veste um fato de treino azul-escuro. Está, há largos minutos, a construir uma muralha com os tijolos que se encontram espalhados pelos canteiros. Tem os lábios flectidos num sorriso permanente. Diverte-se assim: amontoando.

Homens caligrafam o chão de lajes com esponjas imbuídas em água. A escrita deles: um sopro antigo e breve.

Tocam-se instrumentos em todos os cantos do parque e umas vozes agudas rasgam o desenho da ramagem das árvores. A música invade cada poro de jardim. Afinam-se vozes e instrumentos como se piscam os olhos.

Corre-lhes nas veias: a música, as árvores, o tijolo, este sol baixo, filtrado por uma perpétua bruma.

Todos escancaram no rosto a sua estranheza perante a minha fisionomia ocidental.

Quanto somos daquilo de onde vimos?

Tiram-me fotografias do espanto, da diferença. Não sou daqui: os olhos, o rosto, o cabelo, o espaço que o meu corpo ocupa, a medida dos meus gestos.

O miúdo de há pouco, fascinado pela minha presença, também me fotografa com uma máquina digital. Mostra envergonhado a fotografia que me tirou: o fascínio dele é o meu *deslugar*.

No cimo das escadas, à entrada do primeiro pavilhão, estão expostos uma trintena de *bonsais*: geometria de tronco, ramos e folhas.

A natureza disciplinada por umas mãos que cortam. Cortam onde e quando se deve cortar, como no cinema.

Árvores belíssimas e concentradas, tão precisas quanto um silêncio certo.

Os chineses têm um amor profundo às árvores. Cuidam delas com a sabedoria de bichos. As raízes são embrulhadas em cordas, os troncos feridos são envolvidos, os ramos pesados suportados por pilares de ferro ou de madeira, as fendas suturadas. Os mais idosos falam-lhes e friccionam o corpo de encontro ao delas, paralisam-se diante do seu tronco e, de súbito, gritam um grito longo e seco.





## **Templo dos Lamas (Pequim)**

Densas nuvens negras perfumadas se elevam dos turíbulos. Oferendam-se e queimam-se molhos de incenso para que os votos se realizem, para que os espíritos escutem. O cheiro do incenso agarra-se à pele, prende-se nas paredes dos vários pavilhões. A fé podia ser isso: uma densa nuvem negra perfumada elevando-se, agarrando-se à pele e às paredes.

Reconheço os gestos da crença: a oferenda, o ajoelhar, o baixar da cabeça, o rosto para dentro, as mãos juntas na vertical junto ao peito, os olhos cerrados, a oração debitada, a súplica interior, a fragilidade e a esperança secretas. De onde venho também se crê assim.

O céu, uma tela branquíssima, acolhe em silêncio as **densas nuvens negras perfumadas.**

A luz funde-se com a superfície das coisas.

As árvores assistem, sem se mexer. Tudo isto queima, sem chama.



## **Hutong (Pequim)**

Edifícios baixos com pátios atravancados de tralha. Casas de banho colectivas (um cheiro nauseabundo). Ruas estreitas e labirínticas, polvilhadas de lojas de comércio tradicional. Ambiente familiar.

As ruelas são ocupadas e habitadas pelos residentes: comem-se refeições, jogam-se damas chinesas, reparam-se bicicletas, lavam-se os dentes, no meio da estrada.

Uma espécie de entranhas da cidade, de região interior antiga onde o sentido de comunidade ainda é cultivado.

Vaguear nestes lugares é perscrutar a intimidade das pessoas que lá vivem, é compreender as raízes de um modo de viver ancestral.

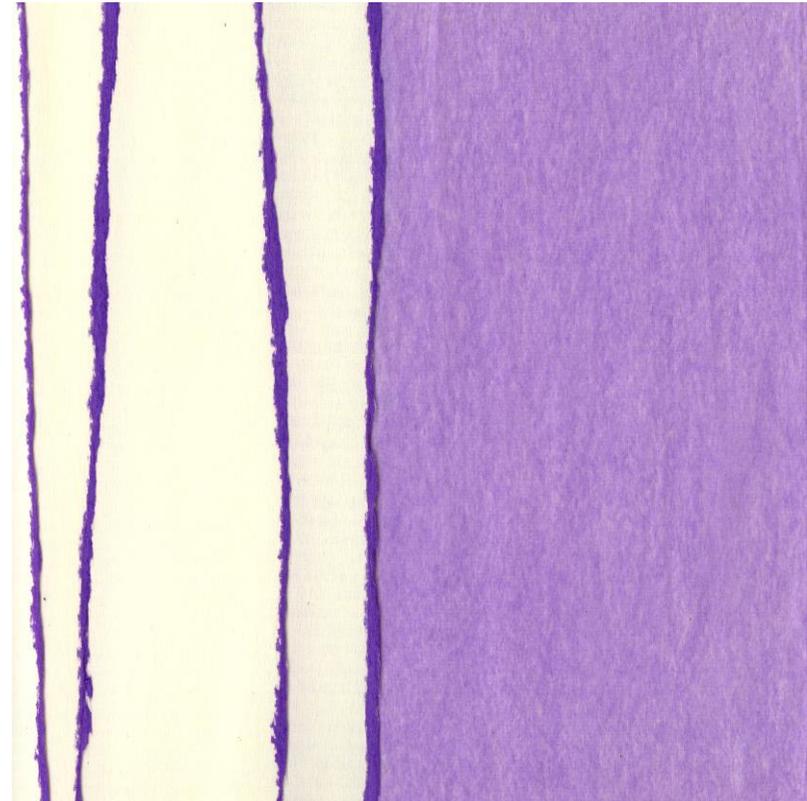
Caminho, assustada, por estes labirintos, guardo um pavor pelas entranhas dos outros. Uma espécie de pudor desgarrado.

## Galeria de Belas Artes de Pequim

A pintura chinesa é momento perpétuo, instante que permanece: uma montanha, uma bruma, uma cana de bambu, um certo ramo, um pássaro no silêncio... O quotidiano salvo pelo pormenor e pela continuidade. Deambular pelas salas de um museu na China é perscrutar o milenar do **OSSO**.

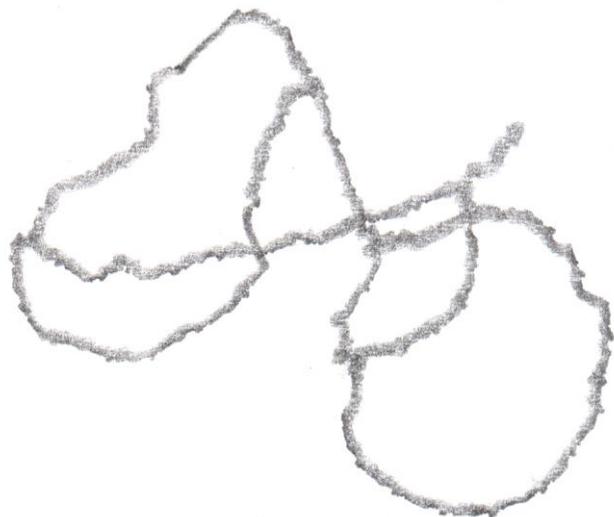
A dado momento, numa das brechas verticais de papel, surge uma flor. Daquelas que não resistem ao vento. Permanece de pé, meio despida (já uma brisa a violou). Frágil e firme. O fundo é branco cru, o traço e a mancha negros e um vermelho breve.

Mais à frente expõem-se quatro mulheres em tela. Têm o corpo a contorcer-se, o rosto mortificado. Os trapos que as cobrem, apenas em parte, não lhes assentam na carne. Estão sós na sua nudez forçada. Ardem de um lume sem extinção possível. Cada uma tem um fundo: verde, azul, preto, vermelho. Um destilar lento.



## Palácio de Verão (Pequim)

Há barcos tradicionalmente decorados a flutuar entre a névoa do lago. Na margem, descansa um barco de mármore. Algo me perturba naquela escultura: um barco sólido, condenado desde logo à paragem, criado para essa suspensão. Só um movimento interior, imaginário, o



p  
o  
d  
e  
m  
  
m  
o  
v  
e  
r  
.

## Parque Beihai (Pequim)

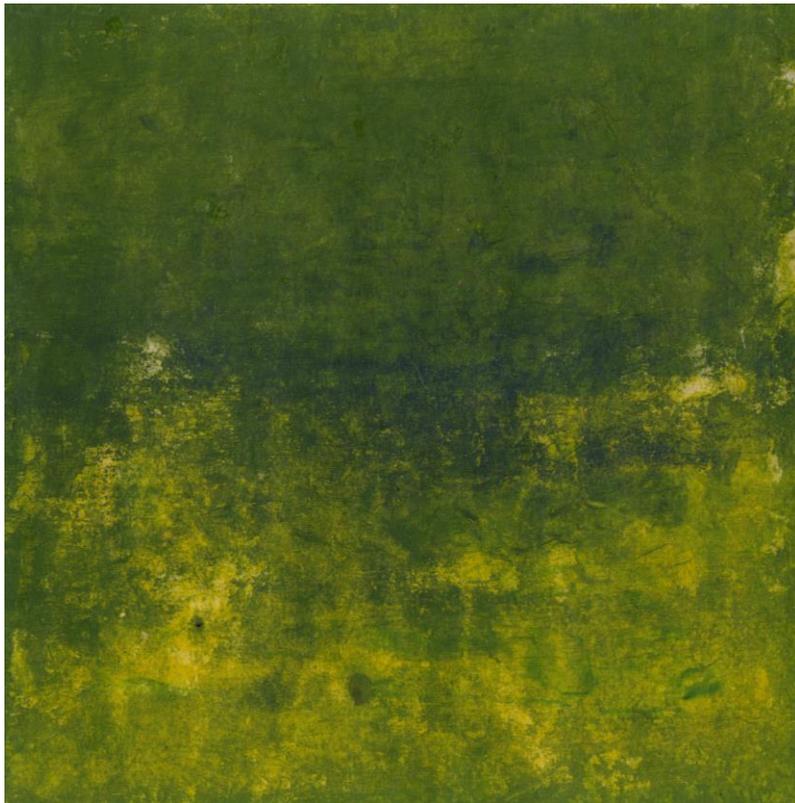
A noite cai sem violência. As árvores, os arbustos, as flores, os caminhos de pedra, tornam-se espessos e sonoros. Os lampiões acendem-se: a sua luz amarela indefine o contorno das coisas e acrescenta-lhes um halo de conto de fadas. Van Gogh está aqui, no rasto das coisas.

Do coreto, à beira do lago, emergem vozes que cantam. Do outro lado, ouve-se o lamento de um saxofone. Podia-se medir o fundo das coisas pelo seu frémito.

Jovens casais repousam nos bancos: o corpo mole, joeirando reflexos, as mãos perto. Os amantes, nesta terra, não se agarram em público, tocam-se ao de leve, pressentem-se, treinam a cumplicidade à flor da pele. Sorrio sem razão aparente. Qualquer coisa invisível se esvanece no ar da noite.

As pétalas secas das magnólias (cor de laranja lume) **crepitam** debaixo dos pés de quem passa.

### **Datong / Grutas Budistas de Yungang (Província de Shanxi)**



Primeira viagem de comboio a rasgar a China: Pequim – Datong.

Fazia sol em Pequim, Datong recebe-nos com neve. Uma cidade cinzenta, erguida em cubos de betão.

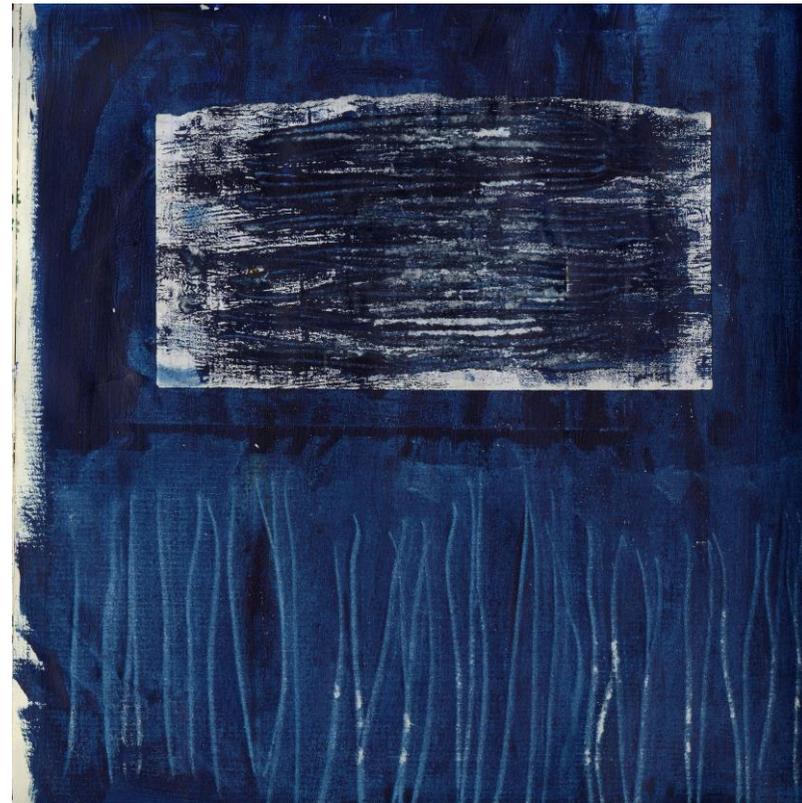
Muitas lojas: limpas, clínicas, arrumadas, a vender roupa e outros produtos de marca; as empregadas de balcão, no cimo de uns excessivos saltos altos, muito penteadas, muito maquilhadas, muito sofisticadas no vestir.

As ruas sombrias, os passeios enlameados, os recantos repletos de lixo. O céu escuro, sujo.

O vento espicaça-me o corpo: trago os lábios gretados, o rosto queimado, as mãos ásperas, a boca seca, o cabelo num desalinho e o espírito agitado.

Procurávamos uma casa de hóspedes que já havia encerrado. Desorientados, sem alternativas, com a neve a infiltrar-se no corpo, ressentíamos-nos do longe. Pedimos indicações, apontámos o mapa e o guia, gesticulámos

direcções imaginárias, procurámos um abrigo. As pessoas abordadas riam na sua ignorância de nós. Surge, então, uma mulher numa das ruas marginais. Aproxima-se. Calça uns botins de borracha. Reconforta-nos com um sorriso limpo. Dirige-se-nos numa catadupa incessante de palavras. Segura-nos as mãos (as mãos dela estão quentes). Percebe que não lhe compreendemos a fala, percebe o nosso susto, o frio, o peso das mochilas, a chegada eminente da noite. E sorri. Vai falando sempre, numa doçura inesperada. Segue-nos. Quer ajudar-nos a todo o custo mas não consegue. Decidimos regressar à estação de comboios, começar nova busca. Ela também percebe isso. Despede-se. Salva-nos com o seu sorriso limpo e oferece-nos o seu guarda-chuva branco. Pousa a mão sobre a minha cabeça e parece querer abençoar-me. Abençoa-me. Partimos. Acabámos por encontrar um quarto livre num hotel, junto à estação. A noite inteira o assobio metálico dos comboios a atravessar-me e um arrepio nas pernas e a imagem daquela mulher de que não compreendi **nada senão o gesto.**



## Taihuai / Wu Tai Shan

(Província de Shanxi)

Viagem de longo curso num autocarro. Um ferro-velho resistente: a chapa roída, os bancos gastos e manchados, os vidros bamboleantes, cobertos de pó, um motor rouquíssimo, uma buzina estridente e gaga. Logo nos primeiros quilómetros, um furo. Transporte precário de gente sem muito dinheiro. Há sacos de plástico cheios, por toda a parte; o tejadilho já atafalhado. Comem-se pevides, o chão vai ficando coberto de cascas. Bebe-se chá. Fuma-se com as janelas fechadas.

A estrada é difícil: esburacada, íngreme, nunca sinalizada, de curvas acentuadas; o piso enlameado, escorregadio, perigoso. A condução roça por vezes a demência.

Alguns adormecem: as cabeças abandonadas saltam ao ritmo do caminho. Toda uma violência da deslocação. O autocarro vai parando, nos locais mais improváveis, quando alguém faz sinal de paragem. As pessoas,

surgidas do nada, vão entrando e ocupando os lugares livres.

Um miúdo vomita para dentro de um saco de plástico no banco de trás, a mãe segura-lhe a testa.

O corpo vai-se adaptando ao movimento bruto. Cada quilómetro percorrido é uma conquista.

Escarra-se no corredor. O cheiro a tabaco vai tornando a atmosfera irrespirável. As janelas devem permanecer fechadas, o frio é cortante.

Um monge oferece-nos tangerinas. Os gomos, frescos, estalam no céu-da-boca.

Vai-se entrando pela paisagem dentro. Espectáculo belíssimo: montanhas imponentes, escarpadas, de cume branco; pedra, pedra sem perdão; terra ocre; a vegetação como um grito; riachos sem fôlego aparente correndo sem destino; aldeias perdidas no meio de nenhures; casas de pedra, de terra, de barro; pessoas com a pele rija e um ar de serem o que são; crianças sujas levando às costas sacolas ou enxadas ou comendo guloseimas na berma da estrada, o olhar surpreendido e contente pela passagem de dois ocidentais. A lama omnipresente.

Existem escolas mesmo longe, todas com a bandeira vermelha estrelada hasteada.

Por mais pobres que sejam os sítios, há sempre antenas parabólicas no horizonte.

O chão pontuado de plástico (sacos, embalagens, garrafas).

São claros os vestígios de derrocadas nas áreas desflorestadas. As obras de construção são um denominador comum: casas, vias, túneis, explorações várias. Vão surgindo sepulturas nas serras. Morte e vida entremeadas. Mantenho uma surpresa permanente perante os cenários que desfilam para lá dos vidros. Consigo adormecer e o acordar é o cessar de uma vertigem. Chega-se ao destino sem saber como.

Taihuai é um fim de mundo: uma rua principal, umas lojas de incenso e de afins religiosos, alguns restaurantes, casas e pouco mais. Vai-se até lá por causa das Wu Tai Shan (As Cinco Montanhas).

Num dos cumes, depois de subir umas centenas de degraus íngremes (onde vendedores ambulantes

insistem em vender-nos pentes), encontra-se um mosteiro com o seu templo.

O monge mais novo toca o sino por três vezes: anúncio da hora de oração do fim da tarde.

Os monges entram no templo em fila, prostram-se diante dos três altares e começam a entoar um cântico hipnótico.

Cantam durante cinquenta minutos, ininterruptamente. Sobe-me um arrepio pelo corpo todo, quase choro. Até onde vão as vozes do fundo?

O monge mais novo tem muito frio: os lábios e as orelhas roxas. É um adolescente. De vez em quando, fricciona as mãos, belisca as orelhas, mexe ligeiramente os pés. Canta no seu próprio bafo de frio. Veste uma túnica laranja e calça uns ténis de sarja azuis. O monge a seu lado tem umas meias com o coelho da *playboy* estampado.

A cerimónia dura o tempo do cântico.

Estou paralisada diante de uma das portas do templo. Fixo as orelhas roxas do monge adolescente. O cântico torna-se-me pele. Quando cessa fico despida de mim. Desço as escadas da montanha, inquieta. **Até onde vão as vozes do fundo?**

## Pinyao

(Província de Shanxi)



O trânsito de carros é proibido no interior das muralhas. Completamente dirigida para o turismo, é nos recantos que se pode respirar: uma camisola de lã a pingar, estendida ao sol; um bonsai grande em vaso de cerâmica, atrás de uma porta; quatro adolescentes a jogarem ao berlinde na rua; um conjunto de crianças a brincar às escondidas no pátio da escola; um velho que carrega na bicicleta um cesto cheio de legumes e passa sorridente a rasar os muros; uma mulher que anuncia sopa e a vende aos passantes; lojas ocultas cheias de pó onde não entra ninguém; e, no exterior das muralhas, os salgueiros que oferecem as folhas ao vento e à luz dourada.

Três dias depois, apanhamos o comboio da meia-noite para Xi'an. Está frio, o cais encontra-se quase deserto, entregue ao negrume. O comboio aproxima-se devagar e as duas funcionárias da plataforma põem-se em sentido. Embarco eu, o meu companheiro e um jovem militar.

Percebemos logo que não há lugares sentados. As pessoas amontoam-se à entrada da locomotiva. Os corredores estão atravancados de sacos e malas e de gente sentada no chão. A lotação encontra-se completamente esgotada. Não passamos da área da porta. Pousamos as mochilas grandes num buraquinho ainda existente. E ficamos estacados, de pé, sem margem para nos mexermos muito. Há muita gente, enrolada no chão, a tentar dormir. Todos têm uma cara de cansaço extremo. Bagagens e pessoas misturam-se numa massa indefinida e grossa. Cheira a fermentação humana. Encosto o corpo à parede do compartimento, pouso a cabeça sobre as nossas duas mochilas sobrepostas e fecho os olhos. O meu companheiro vai tentar trocar os bilhetes de pé por dois lugares nas carruagens dormitório, é possível fazê-lo na carruagem dez. Parte, atropelando o vagão todo. Fico ali encostada, adormeço, mesmo de pé. De súbito, a locomotiva soluça, uma das mochilas cai sobre outros sacos. Fico atónita. O jovem militar que havia entrado connosco, ajuda-me a erguê-la de novo. Olham-me todos com estranheza. O meu

companheiro regressa com ar triunfante, tinha conseguido os bilhetes, íamos poder passar o resto da noite calmamente deitados. Não consigo reagir, não esboço sequer um sorriso.

Colocamos as mochilas às costas. Sinto que magoo as pessoas a cada movimento, por mínimo que seja o gesto. Atravessamos o vagão aos atropelos: empurro, passo por cima dos corpos sentados e deitados no corredor, piso, fico entalada, tento desviar-me, encolho-me, puxo a mochila de cada vez que fica presa. Um homem insulta-me por lhe ter batido na cabeça. O meu companheiro suporta-me. Tenho vontade de mandar-me pela janela fora, onde no frio da noite sombria eu haveria de caber. Chego ao fim do vagão e há outro pela frente e outro e outro, seis ao todo.

Quando chegamos aos dormitórios instala-se o silêncio, a tranquilidade; o espaço livre. Desisto da mochila e deito-me imediatamente. Depois de alguns instantes, enrolo-me ao edredão e choro até ficar sem fôlego. Adormeço com a cabeça trespassada de gente **sem espaço nenhum, sem sítio onde caber.**

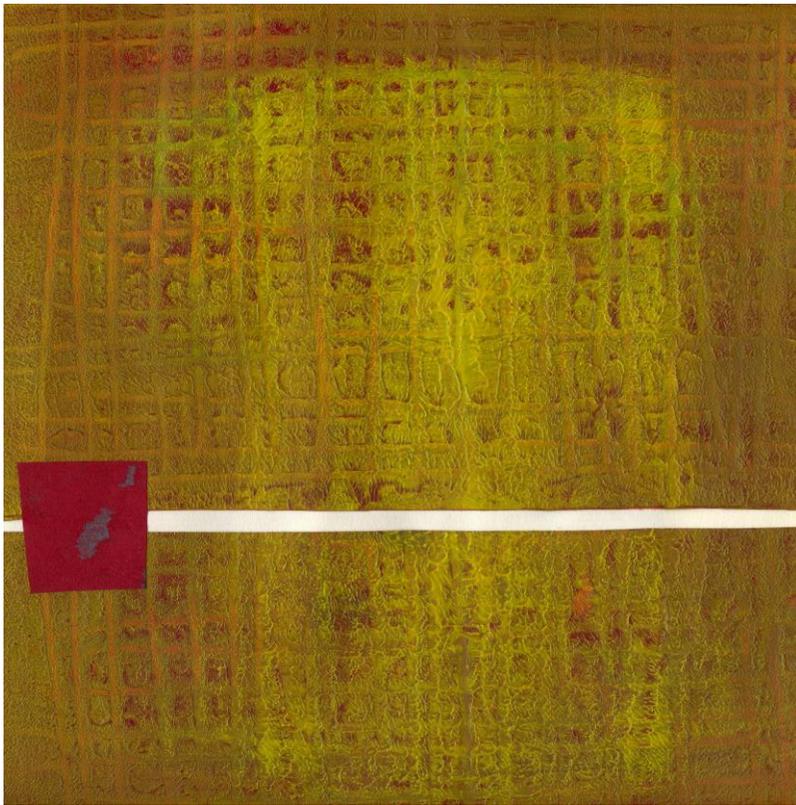
## Xi'an

(Província de Shaanxi)

Nas escadas da estação há qualquer coisa no chão que capta a minha atenção, reduzo o passo, baixo-me, é uma carta, mais concretamente um às de copas. Sem saber bem porquê, num impulso, agarro-a e guardo-a no bolso.

Os guerreiros de terracota impressionam pelo número. Centenas de esculturas, nenhuma com a expressão igual, guardando o cadáver de um imperador. Têm uma expressão determinada, o corpo rígido. Resistiram efectivamente ao tempo. Alguns estão desmembrados, outros decapitados, mas grande parte encontra-se intacta, numa atitude de desafio. Enfrentam o quê? De que morte se resguardarão?

Depois dos guerreiros, visitámos o museu de Xi'an. A dado momento, os meus olhos cruzam-se com o olhar de uma pequena escultura em pedra. É uma mulher de pé, postura nobre, que segura nas mãos um livro aberto, as

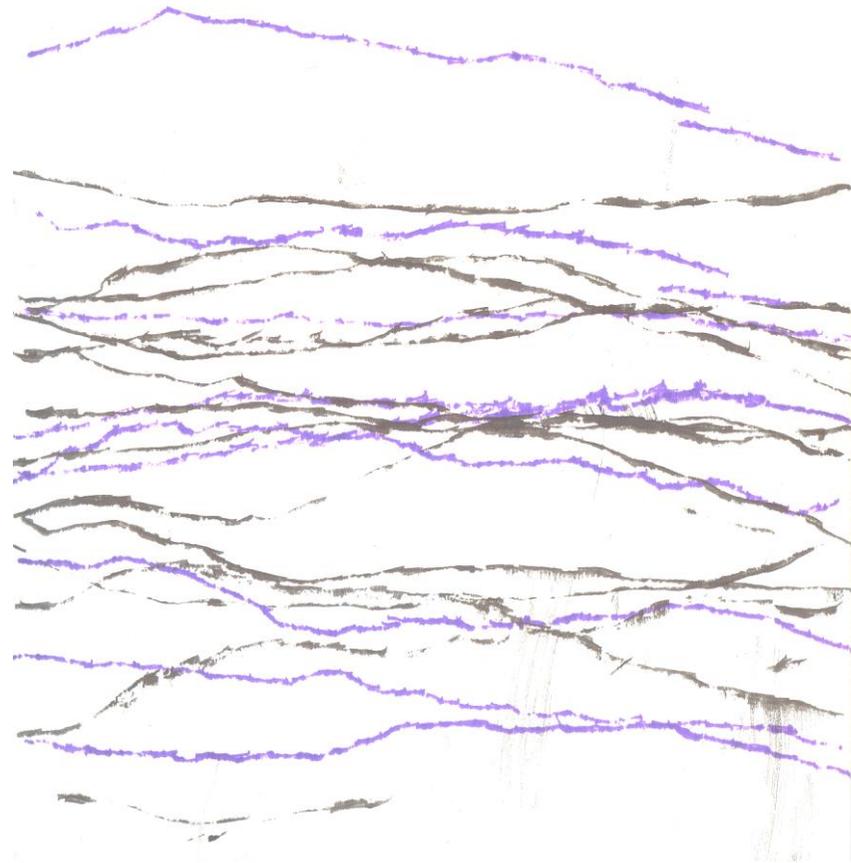


folhas lisas viradas para quem a enfrenta. A sensação clara de que me observa, que sabe que me retenho naquele seu gesto enigmático, como se me desafiasse a ler o que não pode escrever-se.

No último dia, ancorámos num jardim. Muitas crianças à solta: dois rapazes passeiam um coelho farfalhado pela relva, um grupo irrequieto de meninas sacode os ramos mais baixos de uma árvore em flor, caindo uma catadupa de pétalas brancas sobre os seus risos. O meu companheiro oferece-me uma bola de algodão doce. À beira da partida, compomos um cadáver esquisito:

*A criança chora desalmadamente; os pinheiros esbracejam de preguiça, tiram catotas do nariz e sorriem aos patos, levemente; os pássaros debicam migalhas minúsculas nos carreiros; os pedintes rondam a miséria dos outros; tiram-se fotografias junto aos troncos encarquilhados das árvores em flor. E pronto, içar velas e levantar âncoras, partir como se parte uma*

*malga antiga, chegar como um cão ao seu destino incompreensível. Ah ah, o inimigo pateta.*



## **Xiahe/Langmusi** **(Província de Gansu)**

A região é predominantemente tibetana. O *terror sagrado das paisagens*, de que fala Teixeira de Pascoaes, alastrará aqui com força.

Pelo caminho encontrámos tendas nómadas entre as montanhas, pastores de iaques e de cabras a tecer solidão na terra vasta, sepulturas enfeitadas enfrentando o vento.

Os homens com um corpo robustíssimo, o cabelo negro desgrenhado, a pele muito morena, vestidos nas suas peles de bicho, conduzindo motorizadas vermelhas puxadas a lustro. As mulheres sólidas também, com um cabelo comprido entrançado e negro, a pele tisonada, o sorriso fácil, vestidas com cores garridas, adornadas de prata e de missangas grossas, carregando os filhos às costas. Os monges de cabelo curtíssimo, com as suas túnicas lilases e os seus sacos de pano ao ombro.

O vento é gelado, o sol queima. Encontramo-nos já a muitos metros de altitude. As mulheres e as crianças trazem as maçãs do rosto muito encarnadas, eu também. As ruas são de terra batida. A neve vai-se amontoando nas bermas, deixando lugar à lama. As casas são um mero prolongamento da terra. Os porcos esquadrinham o lixo nas ruas, circulam entre as pessoas. A pobreza aqui é qualquer coisa de material, palpa-se na simplicidade, na rudeza e na força das coisas. É impressionante como é desequilibrada a distribuição de riqueza entre a etnia maioritária han e a etnia tibetana (uma das minorias); do lado dos primeiros há alcatrão, prédios altos, lojas e restaurantes e pessoas bem vestidas, do lado dos últimos há lama, casas, mercearias e tabernas, pessoas com a roupa esburacada e suja.

Xiahe e Langmusi são lugares de peregrinação, duas vilas monásticas. Há templos magníficos: as cores, o detalhe, a profusão de figuras, os panos suspensos, as colunas esculpidas, os budas tranquilos, os ameaçadores caçademons, as velas a consumirem-se timidamente, a

fruta ofertada nos altares, o cheiro a incenso, sempre. Depois, há as filas de cilindros dourados ou prateados, que os peregrinos rodam para dar movimento aos escritos sagrados (os cilindros estendem-se, em Xiahe, por três quilômetros). O chão é polvilhado de papéis coloridos, quadrados, estampados com cavalos e dizeres, votos e orações que os crentes lançam ao vento **para que se cumpram no movimento.** o movimento é aliás qualquer coisa de decisivo nestes lugares. Como se no mexer ou no toque houvesse uma qualquer salvação possível.

## Songpan

No meio dos quintais há uma menina linda, pequenina, que cava com uma enxada que tem a medida dela.



## **Jiuzhaigou**

**(Província de Sichuan)**

A terra fermenta lençóis densos de folhas secas.

Foi nesta reserva natural que comecei a tirar polaróides. Diante de uma cascata, qualquer coisa em mim sucumbiu. Havia luz e havia um murmúrio a iluminar-se dessa luz, era preciso imprimi-lo, era preciso despoletar essa China em mim.

Encontrei o dispositivo: o instantâneo. Não sei senão isso: o instantâneo. O detalhe decisivo, o momento basilar em perpétua fuga, captado e logo capturado, congelado de súbito nas minhas mãos, **à beira do desvanecimento.**

## **Chengdu**

**(Província de Sichuan)**

No dia 1 de Maio escrevo a um amigo:

*Hoje, fomos a um mercado: um caos de marisco, iguarias, carne, legumes, mãos e pés sujos. Ontem, vimos outro mercado onde se vendiam flores lindas, cactos de inúmeras espécies e bonsais fabulosamente esculpidos. Este país consegue conter no seu âmago pólos, à partida, contrários e inconciliáveis: por um lado, o orgânico, o humano desmanchado em bicho; por outro, a sofisticação, o humano a transcender-se. Os monges, por exemplo, ora se riem de mim, ora me ajudam a carregar o cantil. - Teia complexa, onde passado, presente e futuro se entrelaçam num choque contínuo.*

## **Kangding**

**(Província de Sichuan)**

Há **sal** nesta **luz** do longe.



## **Litang**

**(Província de Sichuan)**

Desbravamos campos de pastorícia: vastos, planos, rodeando as montanhas, atravessados por estreitos feixes de água, salpicados de montinhos de bosta de iaque solidificados (a parecerem rochas esculpidas, todas com a mesma forma circular).

O granizo foi circunscrevendo os nossos passos, até se abater sobre nós. Havia raios de luz a furar as nuvens e a designar pedaços de terra húmida e fértil; cheirava a isso: a fertilidade.

Num dos cumes de montanha a que subimos, assistimos ao longe a um funeral tibetano. Paulatinamente, foram surgindo corvos enormes e dezenas de abutres. Os bichos necrófagos rasavam-nos o silêncio espantado. Além do cadáver humano, planavam também sobre cadáveres de cães, abandonados junto às lixeiras ao ar livre. Morte e vida, não sei como.

Escrevo na noite dessa dança de abutres, numa outra carta: *Trago os olhos cheios de flores e de pedregulhos.*

## Xiansheng

Só de passagem. Xiansheng tem um templo e mosteiro magníficos lá no alto, a fazer companhia aos picos nevados. A paisagem, em redor, estende-se em largos campos de trigo: o verde transbordando por toda a parte. A cidade está completamente de pantanas, as obras são generalizadas. O país inteiro está em obras (ou de construção ou de restauro). A China encontra-se em plena modernização coxa. Anarquia evolutiva a ditar arquiteturas assustadoras e modos de viver extremos. Uma super-potência se cria sobre a corda bamba. A China, se calhar, é isso: uma corda bamba trabalhada por malabaristas profissionais. **Engenharia precária** complicada para olhos ocidentais como os meus.

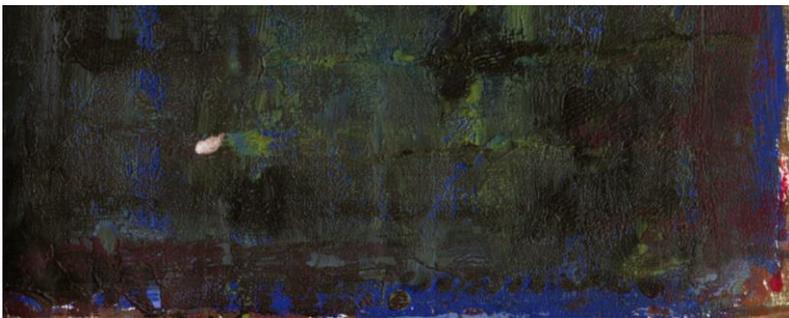
## Garganta Hutiao

Altas fragas com céu a esvair-se em nuvens branquíssimas. Oito horas de caminhada entre pedra, pinhal e rio, seguindo o fio da Garganta do Yangtze. Quilómetros debaixo de um sol muito quente, a rasgar carreiros de cabras no meio de arbustos altos e secos, acompanhando o abismo. A sombra e o cheiro dos pinheiros a refrescaram-nos por dentro. O rosto, o peito, as costas, as pernas, a desfazerem-se em suor. Ao cair da luz, chegamos à estalagem Half-way. Instalamos-nos num quarto com alpendre de madeira. O alpendre desemboca nas montanhas. A noite vem, **os rumores da pedra** preparam-se para acolher o orvalho. Aconchego-me no alpendre, com uma bela taça de chá de gengibre bem quente nas mãos. O vento recita uma dor qualquer enquanto circula na Garganta e despenteia a floresta. Antes de adormecer, lembro-me, não sei porquê, de um ovo cozido e de um

refrigerante que comprei a uma mulher, num dos  
carreiros, ao longo de uma subida íngreme.

No dia seguinte, percorremos a outra metade da  
Garganta. Cabras, cavalos, pastores com o sono ainda  
por sacudir, uma cascata cintilante e fresca, chuva  
miudinha intermitente. **O que será mais simples e  
mais difícil que um caminho?**

Sinto que avanço a toque de êxtases e de murros no estômago.



## **Lijiang**

**(Província de Yunnan)**

À noite, a vila acende-se de amarelo, salpicado de  
vermelho; as lanternas vão oscilando ligeiramente com a  
brisa.

Nos canais flutuam nenúfares de papel colorido, cujo  
núcleo é uma vela acesa; ao acendê-las as pessoas  
formulam desejos, na esperança que se realizem no seu  
deslizar tranquilo e aquático. Há uma menina que segue  
atentamente o rasto da sua vela até esta dobrar a ponte e  
seguir mais rapidamente a corrente. A menina não sabe  
que na próxima esquina, num recanto, há um casal que  
recolhe as velas, para que estas sirvam na noite seguinte  
e se vendam de novo.

No dia seguinte, no Parque do Lago do Dragão Negro,  
sentado em bancos de madeira, à sombra, está um grupo  
de mulheres a cantar ao desafio e a comer salada de  
frutas em copinhos de plástico transparentes.

## Dali

### (Província de Yunnan)

Turismo a mais. Exploração descarada. Fugimos de bicicleta para os **arredores**.

Uma tarde com as pernas e os pés mergulhados no lago Erhai e outra tarde numa das suas margens, lendo na companhia de gansos cabeçudos impertinentes e de vacas gigantes.

Depois, os camponeses plantando extensos arrozais: as terras inundadas; as mãos e os pés enlameados; os chapéus de palha cobrindo as cabeleiras negras; o gesto rápido e preciso de quem planta; o verde do arroz sobrepondo-se ao castanho molhado do chão; os corpos quebrados num esforço que só se repara no suor que escorre dos rostos e nos pulsos húmidos que o sacodem das testas; os cestos fundos de verga abandonados um pouco por toda a parte, à espera de nova carga; o céu reflectido na água dando a sensação de que se planta entre as nuvens; o cheiro a fertilidade, mais uma vez; as

mulheres rindo enquanto distribuem os pequenos molhos verdes; os homens controlando os diques, conduzindo as vacas e remexendo a terra com ar de quem percebe a mínima oscilação da lama.

De ambos os lados da estrada, há arrozais que se prolongam até ao limite do horizonte e gente que os cultiva.

Ao fim da tarde, os camponeses partem, abandonam os arrozais à **germinação muda**: endireitam o corpo, limpam-se da lama, suspendem os chapéus ao pescoço, recarregam os cestos, põem-nos às costas e deslizam na estrada para casa, conversando e rindo baixinho para espantar o cansaço. A luz opaca do crepúsculo vai-se fundindo com os lamaçais fecundos.



## **Kunming / Shilin** **(Província de Yunnan)**

De novo, obras. Kunming é grande e vê-se crescer à medida que se caminha entre os seus arranha-céus.

Circulam nas ruas um bando de aprendizes de cabeleireiro louros e de *t-shirts* laranjas a tentar angariar clientes.

Logo de manhã, os funcionários de um banco, fardados a rigor, dispostos em parada no passeio, cantam o hino da empresa – olho-os, espantada e não espantada ao mesmo tempo, enquanto como metade de um ananás espetado num pauzinho, que os vendedores ambulantes vendem nas ruas.

O parque da cidade tem um lago com nenúfares em flor, e o lago do templo é verde jade, nele deambulam peixes flamejantes e cágados dourados.

No último dia vamos até Shilin, literalmente uma floresta de pedra. Um dos rochedos mais altos lembra-me

qualquer coisa: parece o perfil de uma mulher com um recém-nascido ao colo, uma mulher daquelas que vi a trabalhar nos arrozais. - A partir dessa pedra, escrevo um instantâneo:

*A mulher plantava arroz no pico do mês de Maio, como todas as outras mulheres do seu lugar. A pele tisonada pela intensidade e proximidade do sol. O cabelo negríssimo, ordenado numa longa trança. Chapéu de palha a cobrir-lhe o rosto transpirado. Uma blusa verde alface, umas calças pretas. Os pés descalços na terra líquida do arrozal. As mãos treinadas, a repetirem sem engano o gesto do plantar. Conversa pouco mas ri-se com as outras mulheres.*

*O filho fica à sombra de uns salgueiros, logo ali ao lado. O bebé vai estendendo o olhar pelo céu abaixo e*  
***erguendo os braços ao calor e aos insectos.***

*No fim da jorna, pelas cinco da tarde, as mulheres partem com os cestos pendurados às costas, o riso mais apagado e os rins quebrados.*

*A mulher morena e verde leva o filho ao colo para o cimo de uma colina e fixa o olhar no horizonte. Deixa-se ali ficar parada durante muito tempo, sem pensar em nada senão na noite.*



### **Chongqing / Rio Yangtze** **(Província Guizhou)**

Numa das intersecções de ruas movimentadas, está um muçulmano a vender espetadas na brasa. Passa o serão assim, de pé, com as espetadas preparadas diante dele, e um ligeiro fumo a ser expelido do carvão. Não vi ninguém parar para comprar. E ele fica ali, horas a fio, junto da banca, de avental branco vestido, sem vender nada, no meio da confusão de gente nocturna a divertir-se, gente que prefere refrigerantes, gelados, saladas de fruta com feijões, bolos cheios de creme.

Tomamos o barco que navega pelo Yangtze abaixo, rasgando as suas Gargantas.

Instalamo-nos num beliche para seis pessoas. Assim que pousamos as mochilas, somos abalroados por agentes turísticos que nos querem à força impingir um pacote de bilhetes para as diversas curiosidades pelas quais iremos

passar e desembarcar. Recusamos tudo, insistentemente. Os agentes turísticos partem insatisfeitos e perplexos. Levantamos âncora ao cair da noite. Estou sentada no convés do barco, o rosto e os olhos varridos por um vento húmido.

Assisto ao desfilar negro da paisagem entrecortada pelo piscar de candeeiros desalinhados, as margens como uma espécie de linhas irreais, suspensas no nevoeiro. O ruído permanente do motor do barco entranha-se-me no funcionamento do cérebro.

Outros barcos atravessam o rio, silvos estridentes vão denunciando a presença de cada um.

Afasto-me já daquele muçulmano, na rua, vendedor de nada.

Navegamos devagar. Serão três dias de lentidão aquática, divididos entre a surpresa lenta do convés e o calor abrasador e apertado do beliche, com desembarques estranhos pelo meio.

O rio de chumbo, barrento, com nódoas de lixo intermitente a boiar. As margens solidificadas em pedra, duas paredes altas de rocha. A água como um fio que

corta montanhas e forma aquela garganta longuíssima de silêncio.

Pelo caminho, foram colocadas placas que anunciam, em metros, a subida futura das águas, que será provocada pela barragem que está a ser construída. O Yangtze engolirá uma fatia significativa de terra: pedra, árvores, terrenos férteis, casas; milhares de pessoas estão a ser deslocadas. Tudo isto torna a viagem ainda mais fantasmagórica.

O calor húmido vai-se colando à pele e ao ânimo. O odor metálico do rio dissemina-se nas ideias. O raciocínio torna-se uma massa informe e barrenta.

A primeira paragem é a mais impressionante. Atracamos num lugar chamado Fengdu, que tem uma única atracção turística: a cidade fantasma, um templo cuja forma é a de um buda gigante de pedra branca. Os turistas do barco alinham-se atrás das diferentes bandeirinhas dos guias e seguem para o dito templo. Nós resolvemos deambular pelas ruas - visão aterradora.

O lugar está entregue ao abandono: os prédios foram desmantelados e encontram-se semi-destruídos, há ruínas por toda a parte. As pessoas que por lá vão persistindo entregam-se à tarefa árdua de recolha e aproveitamento dos restos (qualquer coisa serve: barras de betão, estacas de madeira, tijolos, ferro).

Um cenário apocalíptico. Homens e mulheres, de roupas empoeiradas e rosto cinzento, arrastando aquela solidão perfeita a que se chega quando não há mais nada.

Uma mulher fardada varre o lixo mais leve que perturba a estrada. Mais adiante, um homem, também fardado, faz o mesmo. Por que varrerão à beira do fim, no meio daquele caos sem remédio?

Passa por nós uma menina vestida de amarelo, com o cadáver de uma mochila às costas, e as meias todas rotas. A menina fala sozinha a rasar vedações esburacadas e muros feridos. Pára de vez em quando, rodopia, quase dança, tem um ar completamente alienado. Fotografo-a com a polaróide, ela percebe mas não se importa, a loucura protege-a do mundo exterior.

A minha perturbação é interrompida por uma discussão, por uma luta ali perto: um polícia agarra uma adolescente que tentava vender postais aos turistas. A adolescente resiste, grita. O polícia é impiedoso: arranca-lhe os postais das mãos e parte na carrinha. A adolescente fica ali parada no meio da rua a alienar-se como todos os outros.



## Shangai



## Suzhou

(Província de Jiangu)

Está muito calor, Junho é abrasador. As mulheres circulam de bicicleta com lenços bordados sobre os ombros para proteger a pele das queimaduras solares. Neste país não se faz o culto do bronze, pelo contrário. As mulheres resguardam-se com lenços, casacos leves de malha, guarda-sóis coloridos. Na televisão anunciam-se cremes e sabonetes que branqueiam a pele, que lavam e evitam manchas morenas estampadas no corpo. A alvura é um valor apreciado. Aqui ninguém me aponta a brancura, apenas me estranham as sardas.

Suzhou é terra de jardins e de *bordoarias*. O trabalho rigoroso e exacto, a paciência tecendo panos delicados. - Gostava de ter essas **mãos cirúrgicas**.

